

PAUL STRATHERN

MAQUIAVEL

.....

em 90 minutos



JORGE ZAHAR EDITOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



FILÓSOFOS

em 90 minutos

.....
por Paul Strathern

Aristóteles em 90 minutos

Berkeley em 90 minutos

Bertrand Russell em 90 minutos

Confúcio em 90 minutos

Derrida em 90 minutos

Descartes em 90 minutos

Foucault em 90 minutos

Hegel em 90 minutos

Heidegger em 90 minutos

Hume em 90 minutos

Kant em 90 minutos

Kierkegaard em 90 minutos

Leibniz em 90 minutos

Locke em 90 minutos

Maquiavel em 90 minutos

Marx em 90 minutos

Nietzsche em 90 minutos

Platão em 90 minutos

Rousseau em 90 minutos

Santo Agostinho em 90 minutos

São Tomás de Aquino em 90 minutos

Sartre em 90 minutos

Schopenhauer em 90 minutos

Sócrates em 90 minutos

Spinoza em 90 minutos

Wittgenstein em 90 minutos

MAQUIAVEL
(1469-1527)
em 90 minutos

Paul Strathern

Tradução:
Marcus Penchel

Consultoria:
Danilo Marcondes
Professor-titular do
Deptº de Filosofia, PUC-Rio



SUMÁRIO

Sobre o autor

Introdução

Vida e obra

Posfácio

Citações-chave e outras observações

Cronologia de datas significativas da filosofia

Cronologia da vida e da época de Maquiavel

Leitura sugerida

Índice remissivo

SOBRE O AUTOR

PAUL STRATHERN foi professor universitário de filosofia e matemática na Kingston University e é autor das séries “Cientistas em 90 minutos” e “Filósofos em 90 minutos”, esta traduzida em mais de oito países. Escreveu cinco romances (entre eles *A Season in Abyssinia*, ganhador do Prêmio Somerset Maugham), além de biografias e livros de história e de viagens. Foi também jornalista *free-lance*, colaborando para o *Observer*, o *Daily Telegraph* e o *Irish Times*. Tem uma filha e mora em Londres.

INTRODUÇÃO

A simples menção do nome *Maquiavel* dá um calafrio na espinha. Mais de 350 anos depois da morte do homem que o carregou, continua sendo quase sinônimo do mal. No entanto, Maquiavel não foi mau sujeito. E, como veremos, sua filosofia política não constituiu *o mal em si*. Foi apenas extremamente realista.

A reação que experimentamos ao ouvir esse nome revela mais sobre nós mesmos que sobre Maquiavel. A filosofia da arte de governar que ele elaborou pretendia ser científica, isto é, não dava lugar para o sentimento ou a compaixão — nem para, em última análise, a moralidade.

A obra-prima de Maquiavel, o livrinho pelo qual será para sempre lembrado, é *O príncipe*. Trata-se de conselhos a um príncipe, ou governante, sobre como dirigir o Estado. Extremamente racional e psicologicamente perspicaz, o manual toca o *x* do problema com absoluto equilíbrio. Se você é um príncipe e governa um Estado, seu principal objetivo é permanecer no poder e dirigir o Estado em seu (isto é, do príncipe) melhor proveito. Maquiavel mostra como fazê-lo, com abundantes exemplos históricos e ausência total de sentimentalismo. Sem essa de pisar em ovos — eis a fórmula.

A filosofia política maquiavélica reflete profundamente a vida de Maquiavel, o seu tempo e as circunstâncias que enfrentou. Por grande parte de sua vida ele esteve intimamente envolvido com a política da Itália renascentista. As linhas condutoras de sua filosofia começam a emergir com o tempo, passo a passo, mas de repente ele cai em desgraça e é privado de tudo o que considerava como sendo a sua vida. Despojado, desolado e em completo desespero, escreve então sua obra-prima, *O príncipe*. Em poucos meses de suprema inspiração, expõe toda a sua filosofia política, de forma integral e intacta. Sua aspereza reflete a aspereza da vida política que conheceu, assim como a severidade do golpe que sofreu. Mas é mais do que uma filosofia política do seu tempo. O pensamento maquiavélico aponta um aspecto central da filosofia política de todos os tempos, de Alexandre, o Grande, a Sadam Hussein. E, como veremos, reflete também uma das verdades mais profundas e perturbadoras da condição humana.

VIDA E OBRA

Niccolò Machiavelli nasceu em Florença, terra de Dante, em 3 de maio de 1469, em uma velha família toscana que alcançara certa eminência no passado mas que não era das mais poderosas da cidade, como os banqueiros Pazzi ou os Médici. E, na época em que Niccolò entrou em cena, o seu ramo da família enfrentava tempos difíceis.

Seu pai, o advogado Bernardo, enredara-se com o fisco, fora declarado insolvente e proibido por lei de exercer a profissão. Mas não se pode esperar que um advogado cumpra a lei. Bernardo conseguia praticar na calada, oferecendo seus serviços a preços módicos a quem se encontrasse em situação financeira semelhante. Sua única outra fonte de renda era a pequena propriedade que herdara, onze quilômetros ao sul de Florença, na estrada de Siena. Era um lugar idílico nas montanhas toscanas, mas as vinhas e o queijo de leite de cabra mal davam para sustentar a família. A vida era austera na casa Machiavelli. Como mais tarde observou Niccolò: “Aprendi a passar sem conforto antes de aprender a desfrutá-lo.” Bernardo não podia bancar uma educação formal para o filho; ocasionalmente um letrado em dificuldades era contratado como tutor. Mas o advogado não fora sempre um falido. Tinha, portanto, sua biblioteca, e logo o jovem Niccolò lia extensamente, em especial os clássicos. O pálido rapaz sem posses teve a imaginação incendiada pelas maravilhas da Roma antiga.

O menino isolado deu lugar a um adolescente solitário, com um olhar apreensivo e oblíquo que lhe dava um curioso ar de culpa. Tomou consciência do mundo ao redor, calmamente se situando nele e situando-o à luz de suas leituras. Mesmo nesse isolamento, logo se deu conta de sua inteligência privilegiada. Assim, logo percebeu a nova perspectiva humanista que começava a permear tantos aspectos da cidade que o envolvia. Florença emergia do torpor intelectual da Idade Média, sentia-se viva, desperta, confiante. A Itália liderava a civilização ocidental rumo à Renascença. Era possível sonhar de novo com um país unificado e grande, como nos tempos do Império Romano. O jovem e sensível Niccolò começou a ver (e imaginar) semelhanças entre a sua cidade e Roma no auge do poderio — a Roma do século II d.C., no momento em que gestava Marco Aurélio, filósofo estóico, general e imperador. Naquela época o império se estendia do golfo Pérsico à muralha de Adriano (no norte da atual Inglaterra), o Senado ainda tinha poder para se fazer ouvir e os cidadãos eram prósperos e felizes. Isso era um estimulante para uma mente jovem e brilhante cujo pai falido não podia servir de modelo para nada. A história forneceria, em seu lugar, sonho mais abstrato.

A visão de Maquiavel do apogeu romano não foi empanada pela retórica de um professor erudito. Mas ele compareceu, com certeza, a algumas das palestras dos grandes humanistas que faziam de Florença na época o mais importante centro intelectual da Europa. Um desses humanistas típicos era o poeta Policiano, protegido e amigo íntimo de Lourenço, o Magnífico. Um dos melhores poetas da era pós-Dante, seu verso combinava o floreado retórico de brilho clássico com a vivacidade e objetividade do italiano florentino falado no dia-a-dia. Os letrados da universidade logo aprenderam a imitar sua poesia elegante. Não tolhido pela moda intelectual, Maquiavel começou a transformar essa mesma língua cotidiana numa prosa mais

clara e direta, combinando formalismo e uso popular. A língua italiana vivia sua infância; surgira do dialeto florentino fazia menos de dois séculos, desbancando o latim como língua literária. Mas já produzira em Dante o seu maior poeta e estava prestes a ter em Maquiavel o seu mais refinado prosador.

Após as palestras públicas, os jovens humanistas se deixavam ficar na Piazza della Signoria, trocando opiniões, conversando fiado, recolhendo as últimas notícias sobre os assuntos do dia. O rapaz sereno de olhar enviesado logo foi notado. Suas farpas e ironias espirituosas (especialmente sobre o clero), sua penetrante percepção intelectual, tudo deixava o seu selo. Exatamente como ele queria. Niccolò sabia o que estava fazendo: estabelecia-se. (E, quase sem perceber, também se criava.) Podia ter uma condição social modesta, mas sabia que era melhor que todos os outros. A zombaria era uma máscara perfeita para essa insolente vaidade. E à sua maneira Maquiavel logo se criou e estabeleceu como a alma da festa. A maneira de vencer era se fazer popular. Só os amigos mais espertos notaram o coração tranqüilo que se escondia por trás da máscara. Fosse por piedade, respeito ou curiosidade, isso em geral o tornava ainda mais caro aos olhos deles. Um coração frio, tranqüilo, era fenômeno raro para o sangue quente da juventude florentina renascentista.

Mas como Florença fora se tornar o coração do Renascimento, entre tantos outros lugares? Era afinal uma cidade de pouca importância política e militar, mas alcançara uma influência completamente desproporcional à sua condição provinciana.

A resposta óbvia é dinheiro. Os banqueiros mercantis de Florença, como os Médici, os Pazzi e os Strozzi, controlavam a nova tecnologia da época. O banco mercantil era a revolucionária tecnologia de comunicações do período. Seu desenvolvimento no século XIV havia transformado gradualmente o comércio e as comunicações em toda a Europa. A riqueza podia ser transmitida, na forma de crédito ou saque bancário, de um extremo do continente a outro, liberando o comércio das costumeiras restrições dos pagamentos por escambo ou em espécie. Seda e especiarias do Extremo Oriente chegadas por terra em Beirute podiam ser compradas por meio de transferência financeira e embarcadas para Veneza.

A segunda profissão mais antiga do mundo é a do atravessador, e uma das regras invariáveis da manipulação financeira é que parte do dinheiro sempre adere a cada uma das mãos por onde passa. Peles de foca e óleo de baleia levados da Groenlândia para Bruges podiam pagar tributos papais, transferidos então por saque bancário ao Vaticano. E aí está o x da questão. As rendas papais eram extraídas das paróquias, dioceses e governos de toda a cristandade — que se estendia então de Portugal à Suécia, da Groenlândia ao Chipre. Só as maiores casas bancárias, com filiais acreditadas em todas as rotas comerciais da Europa, podiam lidar com a transferência de uma renda assim disseminada, desde suas fontes, espalhadas pelos afluentes, até a desembocadura final. Inevitavelmente havia grande competição por essa conta prêmio, que envolvia todos os truques do empreendimento bancário: a chicana política, o suborno, a contabilidade inventiva etc. E em 1414 os Médici conseguiram finalmente a grande conta: eram os banqueiros do papa. Manobras semelhantes deram à família o controle do governo supostamente republicano e democrático de Florença. Em 1434, Cosme de Médici não era somente o homem mais rico da Europa, como Florença tinha se tornado seu principado particular, exceto no nome.

A cidade agora florescia como nunca, alcançando renome internacional. A moeda local, o florim (em homenagem ao nome da cidade), era o dólar da época. No caos da cunhagem européia (muitas vezes com várias moedas diferentes em circulação no mesmo país), o florim era reconhecido como o padrão monetário internacional. De forma semelhante, as transações financeiras contribuíram para o estabelecimento do dialeto florentino como língua da Itália. O dinheiro logo alimentou uma autoconfiança que pôs de lado a tradicional perspectiva medieval, ignorando a opressão intelectual da Igreja. As homilias bíblicas sobre a riqueza (“É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus” etc.) foram reinterpretadas à luz da nova realidade — as páginas dos livros-razão dos Médici eram espalhafatosamente encimadas pelo dístico: “Em nome de Deus e do lucro”.

Não era apenas o dinheiro, porém, que respondia pela importância de Florença, mas a maneira como o gastavam. A íntima ligação dos Médici com a Igreja dava-lhes acesso aos procedimentos internos dessa florescente organização (até cardeais tinham contas bancárias exclusivamente para os gastos com as amantes). Apesar dessas revelações desanimadoras, os Médici permaneceram crentes fiéis do cristianismo. Mas o fato é que a função central dos bancos — a saber, a usura — era expressa e inequivocamente proibida pela Bíblia. (“Não emprestarás dinheiro a juros.” *Levítico*, XXIV-37; “Não pratiqueis usura.” *Êxodo*, XXII-25 etc.)

À medida que envelhecia, Cosme de Médici foi ficando cada vez mais perturbado. Para aplacar sua culpa (e, quem sabe, comprar um estágio mais breve de inferno e danação), começou a prodigalizar somas extravagantes para a reforma, construção e decoração de igrejas com as mais refinadas obras de arte. Os Médici tornaram-se os maiores patronos privados de arte jamais vistos no mundo. Pintura, arquitetura, literatura e erudição: tudo floresceu financiado por eles.

A nova autoconfiança humanista e o generoso patrocínio combinaram-se com (e estimularam) o ressurgimento do interesse pela Antigüidade clássica greco-romana. Era o verdadeiro Renascimento. Durante a Idade Média, os resquícios de aprendizado clássico que sobreviveram na Europa foram sufocados pelo ensino da escolástica, os textos antigos obscurecidos por séculos de “interpretação” cristã. Mas outros textos que sobreviveram no Oriente Médio começaram então a alcançar a Europa, e sua clareza e ensinamentos foram uma revelação. A filosofia, as artes, a arquitetura, a matemática, a literatura — tudo seria transformado por esse renascimento do conhecimento antigo. Toda a maneira de ver o mundo foi transformada. A existência já não era mais uma provação para se chegar ao outro mundo, mas uma arena em que devíamos demonstrar a nossa capacidade. O jovem Maquiavel absorveu tudo isso avidamente. Era a sua chance. Veria a vida como era de fato, não como deveria ser.

Enquanto isso Florença atraía os maiores talentos da Itália, na época o país mais avançado da Europa. Nos últimos anos do século XV, Michelangelo, Rafael e Botticelli trabalhavam em Florença. Mentas do calibre de Leonardo da Vinci foram atraídas pela cidade. E Florença também produziu seus frutos: entre os amigos de Maquiavel estava Américo Vesúcio, um dos primeiros exploradores do Novo Mundo (que seria batizado a partir de seu nome). O futuro grande historiador da Itália, Francesco Guicciardini, também era amigo de Maquiavel e com

ele assistiu às palestras públicas do maior filósofo renascentista, o ultrabrilhante Pico della Mirandola, outro protegido de Lourenço, o Magnífico. Pico desafiou os espíritos mais lúcidos da Europa a debater suas conclusões com ele quando, com apenas 23 anos, alcançou a honra de ser acusado de heresia pelo próprio papa e acabou morrendo com apenas 31. Maquiavel não estava sozinho na admiração por Pico, a quem Michelangelo se referiu como “um homem quase divino”. As orações e tratados de Pico sobre temas como dignidade humana são o resumo do pensamento renascentista: conseguem combinar teologia cristã, os mais refinados elementos de filosofia clássica e curiosos resquícios de pensamento hermético (como a alquimia, a magia e idéias cabalísticas). Por outro lado, seu pensamento era muitas vezes altamente científico. E o ataque que fez à astrologia (na verdade, de um ponto de vista religioso) influenciaria as idéias dos movimentos planetários formuladas no século XVII pelo astrônomo Johannes Kepler.

Essa curiosa mistura de teologia cristã, pensamento clássico, atitude científica embrionária e magia medieval era típica do pensamento da época. O Renascimento marca a ruptura definitiva entre a Idade Média e a Idade da Razão. Ele oscila entre as duas épocas, e muitas das melhores cabeças do período continham elementos de ambas. O mundo de Shakespeare, por exemplo, é intoxicado por uma infusão estonteante de individualismo humanista com superstição medieval. (Não foi por acaso que o gosto clássico francês o viu como um bárbaro até bem adiantado o século XIX.) Da mesma forma, a metodologia da nova ciência da química apoiava-se nas técnicas da alquimia.

Maquiavel seria aí meio que uma exceção. Possivelmente devido ao seu autodidatismo, ele preservou sua independência. Seus textos seriam amplamente (e escandalosamente) isentos de ilusão ou superstição, embora suas cartas revelem que aderisse, talvez de modo um tanto irônico, à corriqueira tolice astrológica e às superstições correntes em Florença.

O apogeu do Renascimento florentino se deu na época de Lourenço, o Magnífico, que reinou de 1478 a 1492, ano em que Colombo chegou à América. Lourenço era neto de Cosme de Médici, tido então como o *pater patriae* (pai da pátria). Lourenço sem dúvida fez jus a essa origem. Estadista, patrono das artes e poeta, teria garantido seu lugar na história da Itália em qualquer desses campos. Os florentinos apreciavam a grandeza que ele trazia à cidade e em troca Lourenço estimulava uma atmosfera resplandecente, alegre, com festas regulares, procissões espetaculares e torneios. O arguto Guicciardini definiu Lourenço como “um tirano benevolente numa república constitucional”.

Mas sob a superfície cintilante a sociedade florentina preservava seu lado obscuro: a intriga insidiosa e uma mobilidade social movida a testosterona. A vestimenta típica do pavão — calções de seda e gibão de veludo — era acompanhada de adaga e espada. As armas podiam ser exibicionismo (como analisaria Freud), mas não eram meramente ornamentais. Súbitas eclosões de violência mortal eram bem freqüentes.

O próprio Maquiavel deve ter testemunhado a pior delas: a chamada Conspiração Pazzi, de 1478, pouco depois de os Pazzi se tornarem banqueiros do papa. (Lourenço era tão magnífico gastador quanto o avô foi econômico: mesmo seus defensores mais fiéis reconheciam que ele não tinha o temperamento de um banqueiro.) Apoderando-se da maior fonte financeira da época, os Pazzi decidiram tomar também Florença.

Os Pazzi urdiram um plano para assassinar Lourenço e seu irmão mais novo, Juliano, durante a missa de Páscoa, planejando colocar o aliado arcebispo de Pisa no Palazzo Vecchio, sede do conselho e do *gonfaloniere* (governante oficialmente eleito da cidade). Membros das famílias Médici e Pazzi encabeçaram a procissão de Páscoa, entrando casualmente de braço dado na catedral. A um sinal (a elevação da hóstia pelo padre), os Pazzi desembainharam de repente as adagas. Juliano foi mortalmente apunhalado diante do altar — um dos assassinos atacou-o com tal fúria que cravou o punhal na própria perna e não pôde seguir participando da matança. Enquanto isso, Lourenço defendia-se freneticamente com a espada, ajudado pelo amigo Policiano. A intervenção do poeta salvou a vida de Lourenço, que conseguiu escapar para a sacristia apenas com um corte no pescoço.

Ao mesmo tempo, a menos de 400 metros dali, no Palazzo Vecchio, desenrolava-se a outra parte do complô. O arcebispo de Pisa, vestido com todos os paramentos eclesiásticos, galgava as escadarias rumo à câmara de reunião do conselho, seguido discretamente pelos outros conspiradores Pazzi. Encontrou o *gonfaloniere*, que imediatamente ficou desconfiado e chamou os guardas. O arcebispo foi detido e interrogado. Logo que descobriu o que se passava, o *gonfaloniere* ordenou peremptoriamente que o arcebispo fosse enforcado. O clérigo foi amarrado e pendurado do lado de fora da janela com uma corda em volta do pescoço e todos os paramentos eclesiásticos. Pouco depois, seu principal aliado na conspiração era pendurado, também com uma corda no pescoço. A multidão zombeteira embaixo viu quando os dois homens amarrados oscilaram lá no alto, desesperadamente mordendo as cordas um do outro na tentativa de se salvar. Ao longe ouvia-se um ruidoso coro do lado de fora da catedral, onde a turba arrancou braços e pernas dos conspiradores remanescentes.

Pode-se imaginar o efeito que tal cena causou no jovem Maquiavel. Ele havia testemunhado a história, um evento que jamais seria esquecido. Foi rápido, decisivo e horrendo. E a vitória sorriu para quem agiu mais rápido, com mais decisão e de modo mais terrível. (Faça aos outros o que eles fariam a você — mas faça primeiro e seja definitivo.) Tal foi a educação política de Maquiavel.

Mas mesmo os florentinos acabariam se cansando dessas diversões públicas sensacionalistas. A popularidade dos Médici diminuiu e os acontecimentos externos infligiram sérias derrotas. Em 1494, apenas dois anos após a morte de Lourenço, o Magnífico, os Médici perderam o controle da cidade e foram forçados a fugir. Isso foi precipitado pela entrada do rei francês Carlos VIII e suas vitoriosas tropas em Florença, um acontecimento inaudito. Embora essa ocupação fosse em larga medida simbólica e terminasse em poucos dias, marcou uma nova fase na política florentina. As guerras tinham se tornado sérias: a cidade corria o perigo de perder sua independência para uma potência estrangeira. No meio das multidões silenciosas que viam Carlos VIII desfilar pelas ruas em triunfo, lança enristada para o alto, Maquiavel sentia-se profundamente envergonhado de ver sua cidade assim humilhada. Vergonha como florentino e como italiano. Ali estava mais uma lição formadora a desenrolar-se diante de seus olhos. (Só uma Itália unificada poderia resistir ao poderio francês.)

Depois dos Médici, Florença caiu sob a influência do incendiário padre Savonarola, que denunciava a corrupção do papado (de fato uma rica fonte para sermões sobre as fraquezas da

carne). Aiatolá Khomeini de sua época, Savonarola introduziu um regime de sermões sobre o fogo do inferno e esse inferno na Terra que é a abstinência. Os alegres dias de festivais e atentados espetaculares tinham ficado para trás. Savonarola instituiu “a fogueira das vaidades”. Os cidadãos entregavam suas preciosas obras de arte e trajes finos à pira ardente (embora prudentemente guardassem para dias melhores as suas melhores peças artísticas e vestuárias).

A república cristã de Savonarola duraria quatro anos (1494-98). Até a delicada magia da *Primavera* de Botticelli sucumbiu às deprimentes agonias bíblicas. Mas então chegou a vez de Savonarola ser lançado à fogueira e receber o martírio que lhe cabia. Maquiavel deve ter presenciado também esse acontecimento horripilante. Mais história crua para tirar suas lições.

Em 1498, o moderado Soderini foi eleito *gonfaloniere* de Florença, e pela primeira vez Maquiavel surge das sombras. Seu grande biógrafo italiano, Villari, evoca um Maquiavel de 29 anos como uma figura pouco atraente, para não dizer curiosa. Magro, olhos febris, cabelos pretos, cabeça miúda, nariz aquilino e lábios finos bem apertados. E no entanto “tudo nele dava a impressão de um observador acutíssimo, de uma mente perspicaz, mas não de alguém capaz de influenciar muito as pessoas”. Villari menciona sua “expressão sarcástica”, o “ar de calculista frio e inescrutável”, com “poderosa imaginação”. Não exatamente uma pessoa agradável. No entanto, Maquiavel deve ter impressionado algumas pessoas influentes. Mesmo antes da queda de Savonarola, propuseram o seu nome para candidato a secretário da Segunda Chancelaria, isto é, encarregado dos negócios exteriores. Acabou derrotado pelos eleitores da facção de Savonarola. Mas quando Soderini assumiu o poder, Maquiavel conseguiu o cargo. Pouco depois foi eleito secretário da comissão de assuntos militares, os Dez da Guerra. Ambos os postos iriam tornar-se cada vez mais importantes nos anos seguintes — algo naquela figura sagaz, fria e um tanto evasiva evidentemente atraía Soderini.

Maquiavel podia parecer evasivo, matreiro, mas na verdade era extremamente leal. Isso e seu desapaixonado intelecto iriam revelar-se virtudes raras no tortuoso e inflamado mundo político italiano. Soderini reconheceu nele alguém capaz de avaliar corretamente uma situação.

Logo Maquiavel era enviado em missão diplomática às cortes das cidades-estado vizinhas. O secretário da Segunda Chancelaria seria encarregado de mensagens e negociações que não eram consideradas importantes o bastante para uma missão oficial chefiada por um embaixador. Começou treinando nas complicações da intriga diplomática, enviando informes com avaliações francas. Apesar das corriqueiras armadilhas e tentações, ele demonstrou seu talento com considerável habilidade. Eis a raridade: um camarada escorregadio em quem se podia confiar. Era de fato um homem leal, embora somente aos amigos e a sua cidade. Em outras esferas a aparência refletia o indivíduo — causando um efeito convenientemente impressionante.

Em poucos anos Maquiavel recebeu sua primeira missão importante: perante a corte francesa de Carlos VIII. O resultado dessa missão foi vital para a segurança de Florença. No final do século XV, as divididas e sempre conflitantes cidades-estado da Itália central eram ameaçadas ao norte e ao sul. De um lado estavam à mercê da França, que pretendia estender seu território bem fundo na península italiana. De outro, o poderoso reino de Nápoles,

governado pelos espanhóis, tinha ambições territoriais semelhantes. Para sobreviver, Florença tinha que executar um complicado ato de malabarismo.

Durante cinco meses de 1500, Maquiavel acompanhou na França, em primeira mão, a montagem política de uma grande e poderosa nação europeia unida sob o comando de um único líder. Sua missão foi inconclusiva — isto é, bem-sucedida. (Florença continuou sendo um aliado precário e os franceses não a engoliram. Por enquanto.)

Maquiavel voltou a Florença em 1501, casando-se com Marietta di Luigi Corsini, de uma família com posição social semelhante. (Mas os Corsini conseguiram fazer um pouco mais de dinheiro que os Machiavelli e puderam assim garantir um dote razoável.) Como era costume na época, não foi um caso de amor, mas um casamento basicamente de interesse social, que unia duas famílias em proveitosa aliança. Felizmente Niccolò e Marietta se deram bem e logo fizeram amizade.

Maquiavel sempre teve profunda afeição pela mulher, e o casal teria cinco filhos. A julgar pelas cartas de Marietta, ela correspondia a essa afeição. Esses casamentos arranjados costumavam produzir amizades profundas, com respeito e consideração mútuos que tendem a fenecer em meio às expectativas mais inflamáveis do amor romântico. Mas era um arranjo bem injusto, característico do país e da época. Quando passava algum tempo fora da cidade, a trabalho, Maquiavel geralmente se relacionava com alguma dama não comprometida. E a julgar pelas cartas que escrevia a amigos, também se afeiçoava a essas parceiras e elas a ele. (Em suas respostas, os amigos caçoavam dele por isso.) Nenhuma correspondência sobre a vida amorosa de Marietta caiu nas mãos ávidas da história. E se a existência de tal vida fosse ao menos suspeitada, as conseqüências para Marietta seriam de fato terríveis. (Quanto ao destino dos seus correspondentes, nem é bom pensar.) Os italianos eram bem liberais nesses assuntos, mas só de um lado. Essa atitude sincera nos relacionamentos também influenciaria a filosofia política de Maquiavel. (Para um governante não poderia haver relacionamentos em pé de igualdade. O parceiro de maior ascendência impunha as regras mas ficava livre para agir segundo os seus interesses.)

Florença agora enfrentava uma nova ameaça. O filho do papa, o notório César Bórgia, estava usando o exército papal (ajudado por tropas francesas) na criação de um novo principado independente para si na Itália central. À medida que avançava de Roma para o norte, conquistando territórios tão distantes quanto Rimini, no Adriático, toda a região entrava em tumulto.

Numa tentativa de estabilizar os territórios florentinos, Soderini foi eleito *gonfaloniere* vitalício — gesto sem precedentes numa cidade que se orgulhava tanto de suas tradições republicanas. (Mesmo os Médici só governaram *através* dos *gonfalonieri* eleitos.)

Maquiavel foi enviado numa série de missões para informar dos levantes nos territórios de Florença e foi também, como embaixador, ao quartel-general de Bórgia (posição equivalente à de um espião residente acreditado). No dia anterior à sua chegada, César Bórgia havia tomado a cidade estratégica de Urbino com um golpe relâmpago. Maquiavel ficou deslumbrado com o brilhantismo das impiedosas táticas de Bórgia.

Um dos informes maquiavélicos enviados a Florença mostrava “Como lidar com os

rebeldes do Vale di Chiana”. Nesse texto fica claro que a filosofia política já estava no centro do seu pensamento: “Especialmente para os príncipes, a história é um manual de instruções sobre como agir. ... Os seres humanos sempre tiveram as mesmas paixões e se comportaram da mesma maneira. ... Sempre houve aqueles que comandaram e aqueles que obedeceram, alguns de boa vontade, outros contra a vontade.” Nada de genial nessas observações, mas a ausência de ilusão é evidente. Desde o início Maquiavel se deliciou traçando o que considerava leis históricas universais. Com essas pedras de conhecimento aparentemente nada excepcionais ele construiria por fim sua fortaleza política quase inexpugnável. Mas tal fortaleza precisa de um príncipe para ocupá-la. Sugestivamente, mesmo nessa obra primitiva, Maquiavel já observa: “Bórgia possui um dos atributos dos grandes homens: é um oportunista manhoso e sabe quando usar a melhor chance para tirar a maior vantagem.” (Ironicamente, o discernimento de Maquiavel é aguçado aqui pela percepção de que Bórgia está de olho em Florença.)

Maquiavel empreenderia uma segunda missão perante César Bórgia, que iria de outubro de 1502 a janeiro de 1503. Dessa vez ele testemunhou a terrível vingança que Bórgia impingiu a alguns de seus comandantes rebeldes. O incidente fornece a base do ensaio de Maquiavel sobre “A traição do duque Valentino [Bórgia] a Vitelli e outros”, escrita a partir de seu informe de testemunha ocular.

A tomada de Urbino deixou Bórgia em poderosa posição — poderosa demais, na opinião do seu comandante Vitelli e de vários oficiais graduados. Suspeitando da crueldade de Bórgia, romperam com ele, aliando-se a seus inimigos. Isso deixou Bórgia apenas com um resto de exército. Ele então começou imediatamente uma campanha defensiva para proteger suas possessões e ganhar tempo. Ao mesmo tempo, seqüestrou vastas somas ao Tesouro papal para montar um novo e poderoso exército, executando enquanto isso manobras diplomáticas para dividir os inimigos, isolando Vitelli e demais conspiradores de seus aliados. Vitelli logo percebeu para onde o vento soprava e decidiu novamente compartilhar da sorte de Bórgia. A reconciliação foi devidamente acertada na cidadezinha de Senigallia, na costa adriática. Bórgia dispensou suas tropas francesas para tranquilizar Vitelli e os outros, aparecendo em Senigallia com uma força reduzida. Recebeu Vitelli e seus comandantes “com expressão alegre ... saudando-os como velhos amigos”. Assim conseguiu manobrar para separá-los de suas tropas, despachando-os então sem cerimônia para trancafiá-los numa masmorra. Naquela noite, eles “choraram e imploraram misericórdia, freneticamente lançando a culpa uns sobre os outros”, mas Bórgia mandou estrangular todos.

Esse incidente inspirou Maquiavel. (Mais tarde serviria de exemplo para *O príncipe*, abrindo o capítulo 7 e sendo mencionado em várias outras oportunidades.) Com efeito, de acordo com Villari, foram esse incidente e os meses que passou em companhia de César Bórgia que deram a Maquiavel a idéia de “uma ciência política distinta e independente de qualquer consideração de ordem moral”. O que Maquiavel descreveu em “A traição do duque Valentino a Vitelli e outros” era *Realpolitik*.*

Mas não devemos tomar essa exposição de *Realpolitik* pela realidade. Maquiavel era um artista que acreditava na habilidosa encarnação de suas idéias. Bórgia não havia de fato dispensado suas tropas francesas para tranquilizar Vitelli — foram subitamente reconvocadas,

deixando-o seriamente exposto. Ele não teve alternativa senão disfarçar o seu plano. (A delegação de Maquiavel acompanhou Bórgia nessa viagem fatídica, e seu informe descreve eficazmente como a retirada francesa “bagunçou as cabeças na corte”. Todo o choro e acusações quando as vítimas eram estranguladas não passam, igualmente, de floreio, enfeite. Nenhuma menção se faz a isso no relatório original. A intenção de Maquiavel era exaltar e aprofundar o caráter de Bórgia, não fazer a encarnação de suas idéias parecer um embuste aterrador.)

Os ensaios e *descrizione* de Maquiavel pretendem passar a evolução de sua filosofia política. Muitos desses trabalhos são estragados por sua insistência em apontar “leis históricas universais”. Mas os textos são ricos em exemplos e incidentes históricos, que vão de casos contemporâneos que ele mesmo testemunhou a acontecimentos célebres da Roma antiga. Os fatos nunca meramente sustentam a teoria, mas lhe dão vida. A filosofia política de Maquiavel tem seu próprio poder e convicção. Mas qual é exatamente essa teoria?

Até aí Maquiavel tinha apenas uma vaga idéia do que viria a ser essa teoria (um tipo de ciência independente da moral, como sugere Villari). Mas parece que ele já tinha uma idéia subconsciente em andamento. Por ora ainda estava inarticulada, sua metodologia pouco mais que uma atitude obstinada, uma convicção não expressa. Maquiavel estava aprendendo a compreender sua filosofia pela compreensão de sua encarnação. E nesse momento César Bórgia *era* a filosofia de Maquiavel.

Como muitos intelectuais antes e depois dele, Maquiavel era fascinado pelo impiedoso homem de ação. César Bórgia era o protótipo do monstro arrojado — espécie que saiu de moda em nossos tempos modernos de angustiados *Führers* e sinistros genocídios de camponeses. Bórgia não era um “destruidor de vidas” comum.

Os Bórgia eram de origem espanhola. Isso explica seu profundo veio de crueldade e depravação, segundo um dos grandes historiadores do Renascimento que o século XIX produziu (e que portanto escreveu numa época de prodigiosa erudição e racismo). O pai de César Bórgia tornou-se papa em 1492, com o nome de Alexandre VI, simplesmente comprando o papado — possivelmente a primeira vez, mas de certo não a última, que isso ocorreu. O temperamento de Alexandre não combinava com o celibato exigido do cargo. Sua múltipla descendência incluía César, Juan (o filho favorito) e Lucrécia, famosa envenenadora e anfitriã de orgias no Vaticano. (O pai do filho ilegítimo de Lucrécia era o pai dela, o papa, ou talvez César, o irmão — mesmo eles não sabiam quem era o responsável.) César fez-se favorito do pai através do simples expediente de matar o ocupante anterior dessa posição, o irmão Juan. Com isso usurpou também outra posição de Juan: a de comandante dos exércitos do papa — o que lhe permitiu lançar a campanha para criar um vasto principado na Itália central. E assim foi.

O homem que Maquiavel observou de perto era uma perigosa paródia. “O homem mais bonito da Itália”, era dotado de um charme encantador e de uma energia infatigável, capaz de instigar seus seguidores com demonstrações da mais brilhante e bombástica retórica, um gênio da tática militar, político de refinada petulância. Mas esse príncipe renascentista da luz era também um príncipe das trevas maníaco-depressivo. Dissimulado, trapaceiro, sujeito a violentas e imprevisíveis crises de ira e a sombrios e imprevisíveis desesperos que duravam

dias, quando ninguém ousava perturbá-lo em seu quarto às escuras.

Esse homem pareceu a Maquiavel ser capaz de tudo. Nada poderia detê-lo enquanto ele não afrouxasse de alguma forma a tensão da abordagem — enquanto seguisse a ciência de como vencer, sem compaixão ou moralidade... Sim, *havia* um método nessa loucura inspirada. E Bórgia sabia como usá-la.

Em 1503 Alexandre VI morreu e seu sucessor era um inimigo jurado dos Bórgia. O famigerado César foi preso e jogado numa masmorra. Libertado somente depois de renegar suas conquistas, fugiu para Nápoles. Preso de novo, foi embarcado para a Espanha acorrentado, escapando mais tarde da prisão num castelo para uma região distante da França. Maquiavel viu diminuir a estatura do seu herói, um gigante amoral reduzido a simples fugitivo, e ficou desconcertado com o que viu — enojado, mas intrigado. O intelectual fascinado deu lugar ao estudioso observador. Maquiavel começou a traçar mentalmente uma diferença entre o homem e seus métodos. Acusou seu antigo herói de ser “um homem sem compaixão, refratário a Cristo ... e merecedor do mais horrível fim”. Mas quanto a seus métodos, eram outros quinhentos. Eram a ciência, toda uma ciência nova, a ciência da política.

A política italiana continuava, enquanto isso, o mesmo caleidoscópio de alianças e traições. A república florentina permanecia ameaçada — inclusive pelos Médici, que tinham começado a reunir apoio para se reinstalarem como senhores da cidade. Embora fosse secretário dos Dez da Guerra e portanto figura de proa nos assuntos militares florentinos, Maquiavel não tinha experiência militar. (Os florentinos tinham desde muito sabiamente decidido que era melhor não deixar esses assuntos a cargo de militares.) Ousadamente, Maquiavel decidiu colocar em prática uma das idéias de César Bórgia. Resolveu que Florença devia recrutar sua própria milícia entre os cidadãos e nos territórios sob seu controle. Bórgia já havia tentado algo assim em Urbino, mas a iniciativa de Maquiavel foi recebida como uma controvertida novidade. A velha tradição dos italianos de usar mercenários nas suas guerras começava a ser rompida com o surgimento de exércitos franceses e espanhóis disciplinados que lutavam por seus países. Os mercenários haviam se acostumado a lutar uns com os outros — um defensor de Milão hoje poderia muito bem alinhar-se com os florentinos amanhã. Assim, não fazia sentido tirar ninguém do trabalho por causa de ferimentos desnecessários ou massacres.

Em 1499 Maquiavel experimentou tudo isso em primeira mão numa missão militar junto às forças florentinas que sitiavam Pisa. O comandante mercenário das tropas simplesmente recusara-se a atacar a cidade porque era perigoso.

Tendo recebido o apoio do governo para seu plano de criar uma milícia, Maquiavel lançou uma campanha de recrutamento. O novo exército começou os treinamentos e, em reconhecimento de sua função vital, foi criada uma nova e poderosa comissão para dirigi-lo. Com o apoio de Soderini, elegeu-se Maquiavel para secretariar essa comissão.

Os dois, Maquiavel e Soderini, trabalhavam agora de mãos dadas para garantir a segurança de Florença. Mas os eventos conspiraram contra eles. Pisa rebelou-se mais uma vez, cortando o acesso de Florença ao mar pelo rio Arno. A nova milícia de nativos e vagabundos ainda não tinha força suficiente para tomar uma cidade. O que fazer?

Maquiavel procurou o engenheiro militar chefe, um sábio de barbas brancas que fora recentemente transferido da equipe de Bórgia para Florença. (Maquiavel fizera amizade com esse interessante personagem durante sua missão à corte de Bórgia, tendo passado muitas noites alegres a conversar com ele em torno de um *chianti* depois que o anfitrião se retirava para conspirar.) O engenheiro militar teve uma idéia sensacional cuja drástica originalidade instigou a imaginação de Maquiavel.

O plano era mudar o curso do Arno, nada menos: desviá-lo para um lago e então construir rapidamente um canal pelo campo até a costa, em Livorno. De um só golpe Pisa ficaria sem água, sem acesso ao mar e sem poder sobre Florença. E o plano podia ser executado por apenas 2 mil homens em duas semanas, “se tivessem incentivo suficiente para trabalhar duro”.

Maquiavel, e logo também Soderini, ficou maravilhado com esse plano idealizado pelo sábio de aluguel chamado Leonardo da Vinci. Começaram a executar o projeto e as obras se estenderam por dois meses. Aí intervieram as forças da razão. O conselho de governo julgou o plano “pouco mais que uma fantasia” e ordenou que fosse abandonado.

Nisso Maquiavel revelou outro traço que desempenharia um papel fundamental na sua filosofia política. O frio observador intelectual não era apenas doido pelo personagem grandioso (como no caso de Bórgia), mas também fatalmente atraído pela audácia da ação. As pessoas eram bitoladas demais por considerações de moralidade e cautela, pensava. Isso nunca dava em nada. Era preciso uma visão ousada, a capacidade de ver e executar o projeto maior. O diabo é que essa visão tinha seus inconvenientes. No calor do momento, um elemento vital pode ser passado por alto: a questão da plausibilidade.

Quando está em jogo um projeto prático, isso resulta em farsa. (Centenas de escavadores andando às tontas numa grande vala inundada, o sábio residente cofiando pensativamente a barba.) Quando se trata de teoria, como na teoria política de Maquiavel, não é o que ocorre. A teoria pode ser sempre um projeto tentador. Seria essa a grande atração da ciência política amoral de Maquiavel: se falhasse na prática, o responsável podia ser culpado. No final das contas a aplicação inadequada da teoria deixaria seu autor desapontado; a teoria mesma permaneceu intacta. *Se poderia* algum dia ser aplicada de forma adequada eram outros quinhentos. Simplesmente não se questionava a sua plausibilidade. (Essa é a razão tanto das imperfeições como da persistente popularidade de muitas teorias políticas através dos tempos — do utilitarismo ao marxismo. O fracasso sofrido na prática em nome delas pode sempre ser atribuído a uma aplicação incompetente ou inadequada.)

Soderini prudentemente decidiu despachar Maquiavel em mais uma longa viagem. A essa altura um terceiro ator de peso havia entrado na rixa política italiana. O ano de 1507 encerrou-se com o sacro imperador romano-germânico Maximiliano I preparando a invasão do norte da Itália com seus exércitos alemães. Tinha em Milão, rival de Florença, um poderoso aliado.

Maquiavel foi enviado à corte de Maximiliano, do outro lado dos Alpes. (Soderini já não confiava no embaixador florentino residente.) Essa viagem tomaria seis meses a Maquiavel e resultaria num informe que mostrou um aprofundamento crucial da sua compreensão política. No seu *Informe sobre a nação alemã*, Maquiavel define os alemães como um povo sério,

frugal, além de primitivo e forte fisicamente. Tal definição pretende ser um contraste salutar com os italianos. (Os informes diplomáticos ainda são por força escritos dessa maneira politicamente incorreta e racista, só que hoje são tomadas estritas precauções para que *não* sejam publicados como obras literárias.) Maquiavel fala com admiração das cidades-estado alemãs, que pagavam baixos salários e tinham assim vastos superávits orçamentários. Isso permitia manter suas próprias e bem equipadas milícias, que em momentos de perigo podiam se unir em defesa da nação. Ele fala com admiração do “poder da Alemanha, que abunda em riquezas, homens e armas”. Mas observa com perspicácia que “a força da Alemanha está mais nas cidades-estado que nos príncipes”. Também assinala uma fraqueza decorrente disso. As cidades-estado eram fortes o bastante para se defender, mas raramente davam mais que um apoio formal ao imperador. Se este embarcasse num arriscado empreendimento no exterior, raramente era bem coordenada a chegada de tropas das cidades-estado. “As cidades-estado compreendem que quaisquer aquisições feitas em países estrangeiros, como a Itália, seriam em benefício do príncipe [o imperador] e não delas.”

Ao retornar da Alemanha, Maquiavel estava apto a, por fim, montar sua própria milícia. Embora sua experiência militar continuasse estritamente teórica (manuais de aconselhamento, observações de Bórgia, consultas com seu famoso sábio-engenheiro militar etc.), mostrou-se bem-sucedido como líder militar civil. Exerceu um papel importante ao dirigir a retomada de Pisa em 1509.

Mas a tempestade continuava a se formar sobre a Itália. Em 1511 Maquiavel foi enviado à corte francesa, então voltada agourentamente para Milão. Fez ali o possível para convencer os franceses a não iniciar uma guerra, o que envolveria a Santa Aliança (Maximiliano e o papa), os espanhóis, os franceses, Milão, Veneza... e, inevitavelmente, Florença. Mas os franceses não quiseram ouvir. “Eles não entendem lhufas de política”, queixou-se Maquiavel em público. Porém, mais uma vez, veladamente entendeu a lição: quando você tem o poder na luta pelo poder, não há necessidade de negociar.

Os acontecimentos agora desenrolavam-se rapidamente. O papa declarou-se contra Florença, manifestando-se favorável à retomada do governo da cidade pelos Médici. As forças da Santa Aliança avançaram e cercaram Florença. A milícia local recusou-se a enfrentar as duras forças espanholas, o que fez os cidadãos se erguerem a favor dos Médici. Soderini foi forçado a fugir e Juliano de Médici marchou sobre Florença.

Isso foi o fim para Maquiavel. Destituído do cargo (por apoiar Soderini), destituído da cidadania (tremenda humilhação pública) e multado em mil florins de ouro (uma verdadeira falência), foi banido da cidade e exilado na sua pequena propriedade onze quilômetros ao sul das muralhas. Com apenas 43 anos, sua vida estava em ruínas.

Mas o pior estava por vir. Quatro meses depois, em fevereiro de 1513, foi descoberto um complô para assassinar Juliano de Médici. Um dos conspiradores tinha uma lista de vinte nomes de peso que deveriam ser favoráveis à sua causa se tivessem êxito. Maquiavel estava na lista; foi expedido um mandado de prisão contra ele.

Ao saber disso, Maquiavel imediatamente se rende às autoridades para poder alegar inocência. É então metido em Bargello, a infame prisão da cidade. Sentado na cela, ouve os padres rezando ao acompanhar à execução os conspiradores que gritam. Treme no escuro,

suando frio, certo de que será o próximo. Mas primeiro é submetido à tortura, sob a forma do *strappado*. Os pulsos da vítima são amarrados pelas costas e presos a uma corda que passa numa polia. É então estirado acima do chão, todo o peso sustentado pelos pulsos esticados atrás. Aí a corda é solta de repente, de modo que a vítima *quase* desaba no chão. A dor causada pelo tranco é lancinante, com a possibilidade de os braços da vítima serem arrancados dos encaixes.

Maquiavel é submetido a quatro sessões de *strappado*, considerado o tratamento costumeiro e parte do serviço prestado pelo sistema penal. De meia idade e de físico pouco atraente, mesmo assim Maquiavel suporta bem as torturas e se orgulha a tal ponto que “me amo por isso”. Mas não há como duvidar do efeito que isso causa nele. Sua teoria política daria grande ênfase à tortura. Um príncipe “deve ser sempre temido em função dos castigos que pode infligir”. A dor e o medo de senti-la são o que está por trás das sanções morais, leis e mesmo tratados. Maquiavel sabia do que estava falando e conhecia esse medo. Eis um extremo da ação que ele *tinha* experimentado.

Depois de dois meses em Bargello, Maquiavel foi libertado e voltou em desespero à sua pequena propriedade rural. Viveu na espaçosa casa, em meio à beleza das colinas toscanas, cultivando oliveiras e vinhas e supervisionando a criação de suas ovelhas e cabras. Quando o sol se punha após um longo dia, ia beber vinho na taberna local, conversar com o açougueiro e o moleiro e jogar cartas. Mas abominava cada minuto dessa rotina. Ansiava por voltar à vida extravagante, ao mundo das comissões e cortes, à excitação do poder e da intriga. Fora alguém importante, agora não era ninguém.

Como poderia se insinuar com os Médici? Como poderia provar que tudo que fizera antes fora no interesse de Florença, não de uma facção política qualquer ou para fazer desfeita aos Médici? Era um patriota, não um oportunista. Escreveu cartas implorantes, poemas insinuantes, conselhos desinteressados e gentis sobre os assuntos do dia. Todos foram ignorados, como serenamente previa que fossem, embora isso não aliviasse sua amarga decepção.

Mesmo assim, Maquiavel ainda tinha um ás escondido na manga. Fora um homem do mundo, um homem de negócios — havia liderado missões às cortes da Itália, do papa, da França, da Alemanha, de reis e imperadores. O destino de Florença dependera de suas habilidades; sabia como a política funcionava. Agora era hora de expor esse conhecimento, formalizá-lo. Agora era o momento de descobrir a ciência que ele sabia estar por trás dos procedimentos políticos rotineiros. Exporia em livro de uma vez por todas as leis dessa ciência. E, quando esse livro caísse nas mãos certas, seu poderoso proprietário sem dúvida perceberia as vantagens de ter o autor a seu serviço.

Toda noite Maquiavel voltava da taberna, os sapatos de couro gasto rangendo na silenciosa escuridão, estrelas espetando o negrume sobre a silhueta indistinta da casa no fim da estrada. “Quando chegava em casa, ia direto para o estúdio. No umbral tirava as roupas do dia-a-dia, cobertas de lama e poeira, e colocava as da corte. Adequadamente vestido, percorria as cortes do passado, onde era recebido com afeição, e me sentava para jantar a comida para a qual havia nascido e que só a mim é devida. Então não era tímido demais para formular perguntas e indagar as razões de determinadas ações — e as vozes do passado me

respondiam com cortesia. Por quatro longas horas não sinto mais fadiga e esqueço todos os meus problemas. Já não temo a pobreza nem fico desanimado ante a perspectiva da morte. Dedico-me inteiramente às minhas conversações... “

Num inspirado ardor Maquiavel concluiu *O príncipe* entre a primavera e o outono de 1513. Tudo que aprendera — através dos livros e a serviço da república florentina — fundiu-se numa filosofia prática simples mas profunda. O amargo desespero o havia por fim despojado de toda ilusão e ele viu, como que pela primeira vez, a impiedosa verdade subjacente a toda vida política. A visão que descreveu era clara e intransigente: o mundo tal qual é e como sempre foi.

O príncipe é dirigido a um príncipe que esteja governando um Estado e o aconselha sobre como manter seu governo da forma mais eficiente possível. Essa eficiência é a ciência política de Maquiavel. A seu ver a ciência, como tal, não tem nem ética nem compaixão — ela funciona ou não. O que se pôs então a descrever era a maneira como funcionava a ciência política.

Ele começa descrevendo os diferentes tipos de Estado e como cada tipo afeta a forma de governo do príncipe. Também ensina como um príncipe pode conquistar um Estado e manter o domínio sobre ele. Por exemplo, quando um príncipe conquista um Estado numa região de língua diferente, deve passar a residir lá. Foi assim que os turcos otomanos mantiveram o domínio sobre a Grécia bizantina. Outra forma é criar colônias nos novos territórios. “Elas servem de travas para segurar o Estado conquistado.” Foi assim que os romanos controlaram as várias províncias do império.

Maquiavel segue distinguindo diversos tipos de governo. Compara Turquia e França tais como eram governadas na época. O império turco era governado por um homem e todos os demais eram seus servos: ele dividia o império *em sandjaks* (regiões administrativas) supervisionadas por governadores, que trocava de posição a seu bel-prazer. O rei de França, ao contrário, era cercado por um grupo de nobres hereditários, cada um reconhecido e amado pelos súditos do seu domínio particular: todos tinham suas prerrogativas e privilégios, dos quais o rei só podia despojá-los se estivesse em perigo. Comparando os dois tipos de Estado, o império turco era difícil de conquistar, mas, uma vez conquistado, fácil de controlar; o reino de França, ao contrário, era de certa forma mais fácil de conquistar, porém muito mais difícil de controlar.

No capítulo intitulado “Para os que tomam o poder criminosamente”, Maquiavel não hesita em aconselhar a crueldade e indicar como infligi-la. “As crueldades infligidas imediatamente para garantir a própria posição são bem infligidas (se é que se pode falar bem do mal).” Atentem para esta última cláusula: Maquiavel se achava moral, ainda que seu conselho não o fosse. É uma interessante inconseqüência, tão difícil de manter quanto os pedacinhos de França que os ingleses costumavam conquistar. Mas aqui é essencial assinalar um ponto a favor de Maquiavel — um ponto óbvio, muitas vezes subestimado (especialmente por executivos desorientados que lêem *O príncipe* em busca de dicas para o sucesso nos negócios). O livro de Maquiavel é um conjunto de conselhos ao príncipe sobre como governar o Estado. Não se trata de um guia de moralidade pessoal. Visa a uma categoria rara de pessoas em circunstâncias específicas. Desnecessário dizer que não é assim que tem sido lido

através dos tempos. Executivos ambiciosos, funcionários em início de carreira e políticos podem ter lido erroneamente a mensagem específica de Maquiavel, mas com certeza captaram suas implicações (que na sua ira e desespero Maquiavel pode ter subestimado). Ele lida com as qualidades da liderança. As qualidades da liderança máxima podem muito bem ser as que ele define. Se são também as qualidades da liderança em outros níveis e em outras circunstâncias, são outros quinhentos. Esses maquiavélicos de última hora querem de fato acabar dirigindo uma organização ou empresa que se assemelhe a uma cidade-Estado renascentista? Por outro lado, Bertrand Russell estava absolutamente certo quando definiu *O príncipe* como “um manual para gângsters”. As famílias mafiosas de fato se assemelham às cidades-estado renascentistas por seus métodos políticos primitivos, embora não em termos de sofisticação ou gosto cultural.

Mas voltemos ao banho de sangue teórico. Maquiavel prossegue recomendando: “Quando tomar um Estado, o conquistador deve considerar todos os danos que deve infligir e então infligi-los todos de uma vez, para não ter que infligi-los diariamente. Dessa forma pode tranquilizar o povo e ganhar seu apoio ao distribuir favores.”

Isso pode ser astúcia, mas dificilmente se poderia considerar uma sabedoria infinita. Só na segunda metade do livrinho Maquiavel está à vontade. Aí ele descreve as virtudes que o príncipe deve adquirir e os vícios que deve evitar para manter-se no poder. Essa de fato é a preocupação essencial: *mantenere lo stato* (controlar o Estado) e fazê-lo pelo máximo de tempo possível.

O novo governante deve fazer seu governo parecer bem firme e estabelecido. “Os homens devem ser tratados com generosidade ou destruídos, porque podem se vingar de pequenos danos — os danos pesados eliminam tal inconveniente.” Isso leva à pergunta: “É melhor para um líder ser amado ou temido?” De início Maquiavel parece hesitar, mas não deixa dúvidas sobre sua conclusão final: “É melhor para um líder inspirar ao mesmo tempo amor e ódio. Mas por causa da dificuldade de manter as duas coisas simultaneamente, é mais seguro ser temido, se tivermos que escolher.” Sua compreensão da natureza humana é também pragmática: “Enquanto não é despojada das propriedades ou da honra, a maioria das pessoas está satisfeita.”

Maquiavel insiste que o filósofo político deve evitar descrever os Estados imaginários e utopias usados pelos escritores antes dele para encarnar suas idéias. Esse gênero já tinha uma história ilustre que remontava à *República* de Platão, embora seu símbolo máximo só viesse de fato a aparecer em 1516, três anos depois de Maquiavel escrever *O príncipe*, quando a *Utopia* de Thomas Morus cunhou o termo que lhe dá título e que significa em grego “nenhum lugar”. O gênero escolhido por Maquiavel, o livro de conselhos ao governante, era muito popular nos tempos renascentistas, especialmente entre estadistas teóricos em busca de emprego. Mas também aí Maquiavel pede diferenciação. As circunstâncias que descreve no *Príncipe* não são utópicas, nem está oferecendo aí conselhos otimistas de um literato oportunista. Maquiavel insistiu em falar da realidade — do comportamento real das pessoas, não de como deveriam se comportar.

Infelizmente, a idéia maquiavélica de realidade era a política da cidade-estado num dos períodos mais turbulentos e amorais da história da Itália. Daí o permanente pessimismo e

niilismo de sua abordagem. Mas faz alguma diferença se nosso conceito de realidade política se baseia em César Bórgia, num usineiro de Maceió, ou nas assembléias da ONU? Maquiavel fala da situação extrema. O que pode ser tido como instrutivo ou embasamento real de toda política. *O príncipe* é útil como parábola ou será melhor vê-lo como uma espécie de subconsciente político por trás dos apertos de mão e dos discursos emocionados da política contemporânea?

Qualquer resposta a essas perguntas deve ser deixada ao próprio príncipe. Para Maquiavel, a forma como um príncipe se comporta depende de suas qualidades pessoais. Isso nos remete ao conceito chave de *virtù*. O uso que Maquiavel faz dessa palavra não deve ser confundido com seu significado ético ou religioso costumeiro. A *virtù* de Maquiavel (ou a que recomendava ao príncipe) não tem absolutamente nada a ver com a idéia cristã do bem. É inteiramente desprovida de fé, esperança ou caridade. E, igualmente, tem pouco a ver com as idéias clássicas de virtude — justiça, força, moderação, prudência e reserva. O conceito maquiavélico de *virtù* remonta às raízes da palavra: *vir* (homem) e *vis* (força), com conotações de virilidade. *Virtù* é potência, poder — mais próximo do conceito nietzschiano de “vontade de poder”. Expressa dinamismo e força, a ousadia exigida para aproveitar o momento oportuno e ir até o fim sem fraquejar.

Aí novamente Maquiavel reconhece que circunstâncias diferentes exigirão do príncipe diferentes graus de *virtù*. Quanto mais difícil for para ele manter o poder, mais *virtù* terá que demonstrar.

Sempre que possível, um novo governante deve tentar manter as coisas intactas. Deve haver o mínimo de interferência em instituições bem estabelecidas; os costumes antigos devem ser protegidos; deve-se deixar que o povo fale sua própria língua. Quanto maior a ruptura, tanto mais provável que ela continue; o povo pode ter idéias: se a ruptura trouxer um novo príncipe, pode com a mesma facilidade trazer outro.

Mas sempre haverá o difícil caso em que um novo príncipe precisará destruir totalmente o Estado que conquistou, para manter o poder. É melhor ter ruínas fumegantes e uns poucos sobreviventes assustados que nenhum principado — tal é a visão de Maquiavel. Isso ilustra um ponto importante: o bem-estar do Estado é de importância secundária; a preocupação fundamental é manter o poder. Esse egoísmo obtuso é sem dúvida infantil. Infelizmente, essa falta de maturidade é bastante relevante. Muitos governantes continuam a reprisar seus problemas de infância. A obstinação de um Hitler, de um Stalin, de um Sadam Hussein é como a birra corriqueira do jardim de infância.

A possibilidade de ter o príncipe uma vida tranqüila e não agarrar tudo o que puder não é sequer considerada. (Por que não? Porque simplesmente essa opção não estava disponível entre as cidades-estado da Itália renascentista. Aqui mais uma vez Maquiavel foi um realista para a sua época.) Naturalmente a subjugação de um Estado por meio de sua destruição exigirá um grau proporcionalmente maior de *virtù*, segundo Maquiavel, embora tal montante de *virtù* dê um resultado estranho. O príncipe de maior *virtù* governa vasta extensão de cidades devastadas. (O mais virtuoso governante que nos vem à mente é, portanto, Gengis Khan.)

A *virtù* de Maquiavel relaciona-se a dois outros conceitos-chave exigidos de um príncipe

se quiser ter êxito: a *fortuna* (a sorte) e a *occasione* (a oportunidade).

Para Maquiavel, controlamos apenas metade do nosso destino — o resto está nas mãos da *fortuna*. Aqui, como sempre, Maquiavel pretende ser um realista. Os filósofos (tanto os políticos como os teóricos) ignoram o papel da *fortuna* para o seu destino. Quanto mais se aprende história, mais se percebe que o acaso tem um importante papel. (Como diz Pascal: “Se o nariz de Cleópatra fosse menor, toda a cara do mundo seria outra.”) Basta estudar as biografias de Hitler, Napoleão ou Stalin para ver como muitas vezes a sorte favoreceu o jogo deles. Mas é precisamente nisso que insiste Maquiavel. A *fortuna* apresenta a *occasione*. Cabe ao príncipe reconhecer a oportunidade oferecida pela sorte e aproveitá-la. Também deve igualmente fazer o máximo para eliminar as oportunidades de ataque dos adversários. A *fortuna* deve ser utilizada ao máximo.

A resignação estóica é a última coisa que o príncipe deve cultivar — outro exemplo de virtude filosófica que se transforma num vício principesco. Com efeito, Maquiavel afirma especificamente que um príncipe “descobrirá que algo que parece uma virtude pode causar a sua ruína se posto em prática, enquanto outra coisa que parece um vício pode se tornar uma graça salvadora caso ele se apegue a ela”. Governar não é questão de bondade ou maldade, mas uma luta contínua entre a *virtù* forçosa e os caprichos da *fortuna*. Afinado com o pensamento italiano tradicional (e com a própria língua italiana), Maquiavel entende a *virtù* como sendo essencialmente um dom masculino e a *fortuna* como feminina. “É melhor ser impetuoso que cauteloso, porque a fortuna é uma mulher, e se quiser controlá-la é preciso contê-la e bater nela.” As sensibilidades modernas podem se ofender com esta atitude neolítica, mas não se deve permitir que essa estereotipia de história em quadrinhos empane a força do que diz Maquiavel. O positivismo não se confina a nenhum dos sexos. (E a dura realidade do poder no máximo presta uma falsa homenagem à correção política.)

A fortuna favorece os bravos. Mas “o sucesso ou o fracasso depende da conformidade ao tempo”. Isso significa que o príncipe deve estar preparado para mudar de política de acordo com as circunstâncias. Uma aderência firme e forte aos princípios está fadada a levar à ruína. E não dependa também dos amigos. Um príncipe “deve apoiar-se unicamente em si mesmo, na sua própria força e capacidade [*virtù*]”. Um príncipe só deve buscar conselho “quando quiser, não quando outros mandarem”. Maquiavel conclui: “A sabedoria popular diz que alguns príncipes aparentemente prudentes não o são por natureza, mas apenas porque foram bem aconselhados. Não é verdade. Uma regra é infalível: um príncipe que não é sábio não pode ser bem aconselhado — a não ser que se coloque nas mãos de um homem extremamente prudente que cuide de todos os seus negócios. Nesse caso será bem aconselhado, mas não durará muito. Pois o homem que governa em seu nome logo tomará o Estado.”

Como sempre, Maquiavel desenvolve uma visão pessimista da natureza humana. “Os homens são covardes ingratos e instáveis, avaros e invejosos. Enquanto você estiver por cima, eles estarão inteiramente do seu lado — entregarão a você a própria alma, as propriedades e até a família. Mas se você não lhes der nada que satisfaça os seus desejos, eles se voltarão contra você.” Maquiavel dá até uma explicação psicológica disso: “Os desejos humanos são insaciáveis. Sua natureza instiga o homem a desejar todas as coisas, mas o destino só lhe permite desfrutar de umas poucas — o que resulta num permanente estado de

descontentamento e o leva a desprezar o que possui.”

Filósofos anteriores, de Platão a Santo Agostinho, também chegaram a essa visão sinistra da natureza humana. Mas seu pessimismo era moderado pela possibilidade de redenção (pelo idealismo ou o cristianismo). Tendo testemunhado o comportamento do papa e da Igreja, Maquiavel dispensou tais subornos.

O príncipe tinha que permanecer sempre em guarda — porque, como disse Maquiavel, “o profeta desarmado perece”. Claro, era literalmente isso que Maquiavel queria dizer. Mas também era um conselho metafórico (isto é, o príncipe também devia armar-se mentalmente) e uma referência a Savonarola e à sorte que teve. A atitude de Maquiavel para com Savonarola permaneceu reveladoramente ambígua. O cínico libertino e iconoclasta em Maquiavel opusera-se ao governo puritano e teocrático de Savonarola; mas ele sustentou que “deve-se falar de um grande homem desses com reverência”. Savonarola era tido como homem de espírito, sem lugar na política. Apesar do niilismo da filosofia política de Maquiavel, sua fé cristã em Deus permaneceu inquestionada. Sua filosofia é inteiramente coerente com os ensinamentos de Cristo: “A César o que é de César.” O governo do Estado cabe inquestionavelmente a César.

Maquiavel e sua filosofia política com certeza parecem completamente amorais. Mas nas palavras perspicazes do Maquiavel moderno por excelência, Henry Kissinger, “Maquiavel foi evocado por séculos como a personificação do cinismo, embora se visse como um moralista. Suas máximas descrevem o mundo tal como o via, não como desejava que fosse. De fato, estava convencido de que somente um governante de forte convicção moral poderia manter um curso constante e ao mesmo tempo envolver-se em manobras das quais lamentavelmente dependia sua sobrevivência.” Ignorando os óbvios elementos de autojustificação, há pouca dúvida de que Henry Kissinger acertou em cheio aqui. Pode-se dizer que esse é o elemento implícito da filosofia de Maquiavel, a suposição implícita. Infelizmente, exceto quando formuladas por extenso e de modo claro, tais suposições tendem a ser subestimadas.

Numa típica parábola do desvio, Maquiavel insiste que o príncipe deve comportar-se como um animal. “Ele deve ser como a raposa e o leão. Porque o leão não se protege de armadilhas e a raposa não se protege dos lobos. Por isso deve ser como uma raposa para proteger-se das armadilhas e como um leão para proteger-se dos lobos.”

Com força leonina ele deterá todas as ameaças, tanto internas quanto externas. Deve igualmente apresentar-se ao povo e ao mundo com a astúcia de uma raposa. “Deve deixar aos outros toda reprovação e cuidar do que seja agradável.” Se isso ajudar a sua reputação, deve dar aparência de bom, humano e até misericordioso. Mas ainda assim deve sempre preservar o medo como um elemento implícito de dissuasão. A pompa e circunstância do Estado, que mantêm a distância entre governante e súditos, ajudarão a manter esse verniz de nobreza e retidão moral. Os mais próximos do governante, naturalmente, não se deixarão enganar por essa farsa, mas saberão ver a futilidade de tentar depor alguém tão amado pelo povo.

Em outro ponto, no entanto, Maquiavel sustenta: “Aquele que se apóia no povo se apóia na lama.” É possível perceber aí uma incoerência, mas, como vimos, a incoerência é uma das virtudes essenciais do príncipe. Se é uma virtude para um filósofo, são outros quinhentos. Maquiavel estava interessado no que funcionava, não na coerência ordenada da filosofia ética

ou sistemática.

Mais uma vez estamos diante de uma das suposições implícitas de Maquiavel. Mas aqui a incoerência é mais perturbadora. Ele tem com *O príncipe* um propósito oculto que afinal se revela em toda a sua glória no último capítulo, intitulado “Exortação à conquista da Itália e sua libertação do domínio bárbaro”. (Por bárbaros entendam-se os estrangeiros. Ou seja, também aí Maquiavel privilegiou o realismo político às expensas da correção.) E a perturbadora incoerência? Na sua tirada patriótica, ele insta o príncipe a livrar a Itália do jugo estrangeiro e unificá-la, “trazendo honra para si mesmo e prosperidade para todo o povo italiano” (o mesmíssimo povo que anteriormente fora chamado de “lama”). Incluem-se referências estimulantes à Roma antiga (“o antigo valor do coração italiano ainda não morreu”) e a César Bórgia (“que parecia destinado por Deus à redenção da Itália”). E sobre o próprio príncipe diz: “Não sei exprimir com que amor seria ele recebido por toda a nação ...” Referia-se ao príncipe instruído a tapear o povo para que o ame. Não foi por acaso que Mussolini escreveu uma introdução ao *Príncipe*.

Mesmo assim é compreensível o patriotismo de Maquiavel, ainda que suas manobras cínicas sejam imperdoáveis. A Itália não era unificada sob governo italiano desde o Império Romano, bem mais de um milênio antes. (E não o seria novamente até o advento de Garibaldi, mais de três séculos depois.)

Agora chegamos ao elenco do grande épico. Quem faria o papel principal? Quem seria o príncipe? Maquiavel dedicou *O príncipe* a Juliano de Médici, governante de Florença. Juliano era o homem que salvaria a Itália. Infelizmente, antes de Maquiavel terminar o livro, Juliano deixou de governar Florença. Seu primo Lourenço de Médici assumiu o poder. Não importava. Não tinha maior importância *quem* dirigisse os ingênuos italianos contra a “fedorenta tirania bárbara” dos estrangeiros; o que realmente importava era a identidade do seu conselheiro político. Na opinião de Maquiavel havia somente um homem para fazer esse trabalho. Todo o interesse em escrever o livro fora de início recuperar o beneplácito do governante de Florença. (O fato de uma obra se inspirar em vários motivos não invalida necessariamente ninguém, exceto os santos, categoria que está singularmente ausente no *Príncipe*.)

Então Maquiavel simplesmente rededicou o livro, fazendo algumas mudanças pessoais pertinentes no texto. Agora o “salvador da Itália” passou a ser chamado de “*il magnifico Lourenço*” (não confundir com o autêntico Lourenço, o Magnífico, morto mais de vinte anos antes). Superada essa pequena dificuldade de elenco, Maquiavel terminou *O príncipe* com todo o estilo.

O problema que passou a enfrentar então era como enviar o livro àquele a quem era dedicado, tarefa cheia de dificuldade. Maquiavel estava em desgraça e tinha muitos inimigos na corte; foi impossível marcar uma audiência pessoal com Lourenço. E ele sabia que, se o livro caísse nas mãos dos inimigos, seria destruído ou suas idéias reivindicadas como deles.

Convém também ressaltar que o próprio livro apresenta uma dificuldade aparentemente insuperável para o autor nessas circunstâncias: segundo Maquiavel, não se deve supor que o príncipe se aconselhe com outros, deve-se supor que todas as idéias são dele mesmo. Se

tivesse conseguido apresentar o livro àquele a quem foi dedicado, talvez hoje estivéssemos lendo *O príncipe*, por Lourenço de Médici.

Mas esse problema shakespeariano/baconiano não surgira, pelo menos por ora. Maquiavel continuou em desgraça, seus esforços para se enturmar foram desprezados. Enquanto isso escreveu várias outras obras, cuja *finesse* estilística lhe garantiria um lugar no cânone da literatura italiana. Sua peça *A mandrágora* é uma farsa com enredo-chavão próprio de uma ópera (uma beldade virtuosa, um marido velho, um jovem conquistador etc.). Pretendia ser uma sátira do comportamento da época, especialmente do clero. Maquiavel aproveitou na peça sua própria experiência social.

Os *Discursos* de Maquiavel são anunciados como crítica do grande escritor latino Tito Lívio e sua história do início do Império Romano. Na verdade, os *Discursos* são outra obra de teoria política. Não se trata de um livro escrito no calor do momento, e muitos acham que contém uma visão político-filosófica mais equilibrada que *O príncipe*, mais próxima do que Maquiavel efetivamente pensava. Também difere do *Príncipe* pelo fato de ser mais plausível, maduro e moderado — qualidades que por nada terem de sensacionalistas foram eclipsadas pelo *Príncipe*.

Nos *Discursos* Maquiavel afirma sua crença no governo republicano, especialmente tal como praticado na república romana. Dessa vez ele escreve do ponto de vista dos cidadãos, aconselhando-os sobre como administrar as coisas, especialmente como alcançar a liberdade dentro do Estado. Segue os princípios lançados por Aristóteles: a liberdade individual e o autocontrole só podem ser alcançados num Estado também livre e autogovernado. Ele acredita no coletivismo (em outras palavras, quando escreve para o povo ele acredita no poder popular). Surpreendentemente — tendo em vista sua atitude no *Príncipe*, sustenta que “o povo tem mais prudência, mais equilíbrio e melhor juízo que o príncipe”. Mas um elemento vital perpassa as duas obras: a sorte ou destino — único elemento que sempre está além da teoria política. Maquiavel ressalta que a *fortuna* é sempre indispensável. Assim como o príncipe, o povo também precisa de *virtù*, embora aqui o elemento mais nietzschiano, individualista e inescrupuloso dê lugar à virtude cívica, à fibra moral e à força coletiva.

Lourenço de Médici morreu em 1519 e foi sucedido pelo cardeal Júlio de Médici. Então por fim a *fortuna* sorriu para Maquiavel. Ciente da experiência anterior de Maquiavel, o cardeal enviou-o numa missão de importância menor à cidade vizinha de Lucca. Maquiavel concluiu com êxito o trabalho e retornou a Florença cheio de esperanças. Demonstrada sua lealdade aos Médici, seus talentos sem dúvida seriam agora utilizados em cargos importantes. Em vez disso, Júlio nomeou-o historiador oficial da república florentina, com salário de 57 florins de ouro — o que pelo menos lhe garantiu segurança financeira. Maquiavel escondeu sua decepção e deu início à tarefa oficial que lhe coube: fazer uma história de Florença. Para o que enfrentou um problema. Sua *História florentina* teve que ser escrita sem ofender os Médici, que desempenharam um papel importante e nada inocente nessa história. Como disse Maquiavel aconselhando um colega funcionário: “Se eventualmente tiver que omitir um fato com palavras, faça-o de modo que não venham a sabê-lo. Ou, se ficarem sabendo, trate de ter uma defesa pronta e rápida.” Infelizmente, o grande historiador Guicciardini, seu contemporâneo e amigo, revelaria mais tarde muitos fatos que Maquiavel atenuou — mas

então Maquiavel não estava mais lá para dar “uma resposta pronta e rápida”. As *Istorie fiorentine* de Maquiavel são melhor lidas como ficção.

Em 1523, Júlio de Médici abandonou o governo de Florença para tornar-se papa com o título de Clemente VII. Os tempos estavam de novo difíceis na Itália. Dois anos depois ia por água abaixo o equilíbrio de poder na península. Carlos V, rei de Espanha e sacro imperador romano, ameaçava toda a Itália. Maquiavel foi encarregado da fortificação de Florença e depois viajou com o exército para juntar-se a Guicciardini, que era tenente nas forças do papa.

Mas tudo inútil. Em maio de 1527 o exército de Carlos V saqueou Roma. Simultaneamente, Maquiavel soube que os cidadãos de Florença tinham se levantado contra os Médici e instituído uma nova república. Agora a *fortuna* estava de fato sorrindo para ele. Maquiavel agarrou a *occasione* com as duas mãos. Retornou com toda a pressa a Florença, confiante em recuperar por fim um alto posto. Porém, novamente se decepcionou. Dessa vez, estava em desgraça por ter *apoiado* os Médici!

Esse último revés foi demais e Maquiavel caiu enfermo. Ainda em terríveis dificuldades financeiras e já desesperado, foi socorrido pelos poucos amigos que lhe restavam. Depois de pedir e receber os últimos sacramentos, morreu no mês seguinte, junho, no dia 21, aos 58 anos de idade.

* Realismo político; política visando ao poder e não a ideais.

POSFÁCIO

Maquiavel foi trapaceiro, astuto, falaz e indigno de confiança — e no *Príncipe* defendeu tal comportamento como método. Mas ao fazê-lo desnudou também uma certa verdade sobre a natureza humana, qual nervo exposto. A natureza humana tinha que ser melhor do que isso — ninguém poderia se comportar como o príncipe de Maquiavel; aquilo era sem dúvida obra do demônio. Todos logo concordaram com isso (em especial a Igreja). Maquiavel foi logo identificado com o diabo, num sentido bem literal. “Old Nick”, designação popular inglesa para o diabo, provém diretamente do velho Niccolò, cujo sobrenome disseminou-se pela Europa como sinônimo do mal. Apenas trinta anos após a sua morte, o nome de Maquiavel começava a ser conhecido em lugares tão distantes quanto a Inglaterra. E antes de terminar o século XVI já era suficientemente conhecido do público para ser usado por Shakespeare nas *Alegres comadres de Windsor*: “Sou político? Sou sutil? Sou um Maquiavel?” (Alguns dizem mesmo que Maquiavel foi o modelo para Iago, de Otelo.)

Mas por que todo esse estardalhaço? Inadvertidamente, Maquiavel colocou-se em posição de desempenhar um importante papel póstumo. Tornou-se um peão na grande batalha que dividiu a Igreja e grassou pela Europa nos séculos XVI e XVII: a Reforma. Seu nome foi identificado à corrupção italiana da Igreja e foi usado na guerra da propaganda pelas forças da Europa setentrional que lutavam para instituir o protestantismo. (Shakespeare não se teria referido daquela forma a Maquiavel se a Inglaterra tivesse permanecido católica.) Mas isso era tudo?

Não. Maquiavel pusera a descoberto uma ruptura ainda mais funda. Desde os primórdios da filosofia, os pensadores assumiram implicitamente que os seres humanos eram essencialmente os mesmos, que existia essa coisa chamada natureza humana universal. O que implicava uma forma ideal de sociedade na qual todos os seres humanos podiam viver melhor. Platão tentara descrever essa utopia na *República*. Outros sugeriram formas de melhorar a sociedade humana pelo bem de todos os envolvidos. E nos séculos *posteriores* a Maquiavel, os pensadores iluministas, acreditando numa harmonia final dos valores humanos, buscaram os princípios básicos da natureza humana — e uma sociedade na qual esses princípios pudessem ser expressos (a constituição dos Estados Unidos é um exemplo primordial). Tentativas mais científicas de criar essas sociedades harmoniosas surgiram com o marxismo, o coletivismo e muitos movimentos socialistas. Com efeito, a crença de que podemos viver juntos em paz, amor e harmonia persistiu até depois da década de 1960.

Mas bem antes disso Maquiavel intuía a impossibilidade de tais projetos. No *Príncipe* ele aponta a contradição entre governar (ou servir) um Estado e ao mesmo tempo levar uma vida moral. Para governar eficientemente um Estado temos que esquecer a moralidade. *O príncipe* levanta a seguinte questão: um governante pode usar de hipocrisia, trapaça e até assassinato ao mesmo tempo que defende a ética pessoal do cristianismo? Em outras palavras, é possível governar sem moralidade e continuar sendo uma pessoa de moral?

Dos papas Bórgia a Pol Pot, a história nos deu uma sinistra resposta a essa pergunta. E a

resposta logo ficou sinistramente evidente. Mas, se era esse o caso, levava a uma profunda contradição. Como assinalou o grande filósofo político do século XX, Isaiah Berlin, isso significa que temos um pluralismo ético. Não há solução objetiva para o problema de como devem viver os seres humanos. Como devemos nos comportar? A falta de resposta é ensurdecadora — e assustadora.

E aí? Grupos podem sentir e sentirão a necessidade de formar sociedades nas quais as pessoas vivem de formas muito diferentes. Tais sociedades podem ser fascistas, comunistas ou democráticas, podem incluir tiranias ou mesmo anarquias. Quase tudo é possível. E só é preciso procurar na história — dos autodestrutivos banhos de sangue dos sacrifícios humanos entre os maias às “comunidades de eremitas” — para perceber as infinitas possibilidades da inventiva humana nesse campo. Mas não há critérios comuns para uma decisão racional entre os méritos dessas diferentes sociedades. Se a moralidade e a ciência política são separadas, como nos mostrou Maquiavel, simplesmente não temos balizamento para um juízo universal. Isso significa que a Alemanha hitlerista está no mesmo pé do Reino Unido parlamentarista.

Tudo isso é profundamente deprimente. Mas parece decorrer de um ponto óbvio do qual hoje todos estamos cientes, na era pós-freudiana. A psicologia humana não é racional nem coerente. Por outro lado, qualquer sistema moral ou de governo deve ser racional e coerente. A satisfação pessoal e a experiência pública estão *fadadas*, portanto, a entrar em conflito.

Maquiavel foi o primeiro escritor a apontar uma verdade desagradável da condição humana. Não era um grande filósofo, mas meramente um teórico político realista. Mas seu pensamento colocou a humanidade face a face com uma de suas mais profundas — e aparentemente insolúveis — dicotomias.

CITAÇÕES-CHAVE E OUTRAS OBSERVAÇÕES

É necessário, para quem quer que estabeleça um Estado e institua suas leis, pressupor que todas as pessoas são más e que sempre agirão segundo a fraqueza de seus espíritos quando tiverem chance.

Maquiavel, *Discursos*

Também o papado nunca esteve em posição de seguir uma política cristã; e quando os reformadores se envolvem em política, como aconteceu com Lutero, vemos que simplesmente seguem Maquiavel como qualquer imoralista ou tirano.

Nietzsche, *A vontade de poder*

Muito do convencional vitupério associado ao nome [de Maquiavel] deve-se à indignação de hipócritas que odeiam a franca confissão das malfeitorias.

Bertrand Russell, *História da filosofia ocidental*

As guerras começam quando se quer, mas não terminam quando se deseja.

Maquiavel, *História florentina*

A única maneira de se proteger dos lisonjeadores é deixar claro para as pessoas que você não se importa que lhe digam a verdade. Mas quando todos podem lhe lançar a verdade na cara, você perde o respeito.

Maquiavel, *O príncipe*

Podemos salvar a própria alma ou encontrar, preservar e servir um grande e glorioso Estado, mas nem sempre podemos fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Isaiah Berlin, ensaio sobre Maquiavel

Não é improvável que o fascismo deva suas feições militares iniciais a Maquiavel, mas nos primeiros anos de poder é que a influência de Maquiavel sobre Mussolini foi mais evidente.

Laura Fermi, viúva do grande cientista italiano Enrico Fermi e biógrafa de Mussolini

Maquiavel foi o maior filósofo italiano ... o professor de todos os professores de política ... mas não tinha suficiente compaixão pela humanidade.

Benito Mussolini

Marx definiu a política como “a arte do possível”; dois séculos antes Maquiavel havia

inventado a *Realpolitik* ...

As pessoas devem ser tratadas com generosidade ou destruídas. Podem se vingar de pequenos danos, mas não dos danos sérios.

Maquiavel, *O príncipe*

Esse retrocesso ao mais cruel maquiavelismo parece incompreensível para quem até ontem descansou na confortável confiança de que a história do homem desenrola-se numa linha ascendente de progresso material e cultural.

Leon Trotsky, em sua biografia de Stalin

CRONOLOGIA DE DATAS SIGNIFICATIVAS DA FILOSOFIA

<i>séc. VI a.C.</i>	Início da filosofia ocidental, com Tales de Mileto.
<i>fim do séc. VI a.C.</i>	Morte de Pitágoras.
<i>399 a.C.</i>	Sócrates condenado à morte em Atenas.
<i>c.387 a.C.</i>	Em Atenas, Platão funda a Academia, a primeira universidade.
<i>335 a.C.</i>	Aristóteles funda o Liceu ateniense, escola rival da Academia.
<i>324 d.C.</i>	Constantino muda a capital do Império Romano para Bizâncio (Constantinopla).
<i>400 d.C.</i>	Santo Agostinho escreve suas <i>Confissões</i> . A filosofia é absorvida pela teologia cristã.
<i>410 d.C.</i>	Roma é saqueada pelos visigodos, prenúncio da Idade das Trevas.
<i>529 d.C.</i>	Fechamento da Academia de Atenas pelo imperador Justiniano, marcando o fim do pensamento helênico.
<i>meados do séc.XIII</i>	Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre Aristóteles. Era da escolástica.
<i>1453</i>	Queda de Bizâncio, tomada pelos turcos. Fim do Império Bizantino.
<i>1492</i>	Colombo chega à América. Renascimento em Florença e renovação do interesse pela aprendizagem do grego.
<i>1543</i>	Copérnico publica <i>De revolutionibus orbium caelestium (Sobre as revoluções dos orbes celestes)</i> , provando matematicamente que a Terra gira em torno do Sol.
<i>1633</i>	Galileu é forçado pela Igreja a abjurar a teoria heliocêntrica do universo.
<i>1641</i>	Descartes publica as <i>Meditações</i> , início da filosofia moderna.
<i>1677</i>	Morte de Spinoza permite a publicação da <i>Ética</i> .
<i>1687</i>	Newton publica os <i>Principia</i> , introduzindo o conceito de gravidade.
<i>1689</i>	Locke publica o <i>Ensaio sobre o entendimento humano</i> . Início do empirismo.
<i>1710</i>	Berkeley publica os <i>Princípios do conhecimento humano</i> , levando o empirismo a novos extremos.
<i>1716</i>	Morte de Leibniz.
<i>1739–1740</i>	Hume publica o <i>Tratado sobre a natureza humana</i> , conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.
<i>1781</i>	Kant, despertado de seu “sono dogmático” por Hume, publica a <i>Crítica da razão pura</i> . Início da grande era da metafísica alemã.
<i>1807</i>	Hegel publica <i>A fenomenologia do espírito</i> : apogeu da metafísica alemã.
<i>1818</i>	Schopenhauer publica <i>O mundo como vontade e representação</i> ,

- introduzindo a filosofia hindu na metafísica alemã.
- 1889 Nietzsche, após declarar que “Deus está morto”, sucumbe à loucura em Turim.
- 1921 Wittgenstein publica o *Tractatus logicophilosophicus*, advogando a “solução final” para os problemas da filosofia.
- década de 1920 O Círculo de Viena apresenta o positivismo lógico.
- 1927 Heidegger publica *Sein und Zeit (Ser e tempo)*, anunciando uma ruptura entre a filosofia analítica e a continental.
- 1943 Sartre publica *L’être et le néant (O ser e o nada)*, avançando no pensamento de Heidegger e instigando o surgimento do existencialismo.
- 1953 Publicação póstuma de *Investigações filosóficas*, de Wittgenstein. Auge da análise lingüística.

CRONOLOGIA DA VIDA E DA ÉPOCA DE MAQUIAVEL

- 1469 Nasce Niccolò Machiavelli em Florença. Lourenço, o Magnífico, toma o poder na cidade.
- 1478 Fracassa a conspiração dos Pazzi; Lourenço escapa por pouco do assassinato.
- 1492 Morre Lourenço, o Magnífico. Colombo descobre a América. O pai de César Bórgia torna-se papa com o nome de Alexandre VI.
- 1494 Carlos VIII, rei de França, comanda suas tropas na tomada de Florença. Savonarola assume o poder na cidade.
- 1498 Savonarola é julgado, enforcado e queimado na fogueira em Florença. Maquiavel é eleito secretário da Segunda Chancelaria e depois secretário dos Dez da Guerra.
- 1500 Maquiavel chefia uma missão à França.
- 1501 Casamento de Maquiavel com Marietta di Luigi Corsini.
- 1502 César Bórgia toma Urbino. Missão de Maquiavel na corte de Bórgia.
- 1503 Bórgia mata Vitelli e seus conspiradores. A morte do papa Alexandre VI marca o declínio da sorte de César Bórgia.
- 1505 Maquiavel cria a milícia florentina.
- 1508 Maquiavel é enviado em missão à Alemanha.
- 1512 O equilíbrio do poder na Itália entra em colapso. Florença é sitiada, Soderini foge, Médici retorna ao poder. Maquiavel perde o posto e é banido.
- 1513 Maquiavel é envolvido no complô para derrubar Juliano de Médici. Depois de torturado, é libertado da prisão. Volta à sua propriedade e escreve *O príncipe*.
- 1523 Júlio de Médici, novo governante de Florença, encarrega Maquiavel de uma missão externa menor.
- 1527 Mais uma vez entra em colapso o equilíbrio de poder na Itália, e Roma é saqueada. O governo Médici é derrubado em Florença. Maquiavel retorna, mas não lhe oferecem cargo algum. Morre em 21 de junho.

LEITURA SUGERIDA

Isaiah Berlin, *The Proper Study of Mankind* (Farrar, Straus & Giroux, 1998). Contém o grande ensaio sobre Maquiavel.

Sebastian de Grazia, *Maquiavel no inferno*, S. Paulo, Companhia das Letras, 1993. A última biografia premiada, mais uma intrigante e imaginativa meditação sobre Maquiavel e *O príncipe* do que propriamente uma biografia.

Maquiavel, *Florentine Histories* (Princeton University Press, 1990). Leitura fascinante, embora por vezes um tanto avara com a verdade.

Maquiavel, *Os Pensadores*, S. Paulo, ed. Nova Cultural. (Várias edições)

Maquiavel, O príncipe, S. Paulo, Martins Fontes, 1996 (2ª ed.)

Maquiavel, *Comentário sobre a primeira década de Tito Lívio*, Brasília, ed. UnB, 1980.

Januário Megale, *O príncipe de Maquiavel: Roteiro de leitura*, S. Paulo, Ática, 1985.

Paul Larivaille, *A Itália no tempo de Maquiavel*, S. Paulo, Companhia das Letras.

Pasquale Villari, *The Life and Times of Niccolò Machiavelli*, 2 vols. (Scholarly Press, 1972). Publicada pela primeira vez há mais de um século, mas ainda obra fundamental.

ÍNDICE REMISSIVO

- Alexandre, o Grande, 1
- Bórgia, César, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9
- Bórgia, família, 1, 2, 3
- Corsini, Marietta di Luigi, 1-2
- Dante Allighieri, 1, 2
- Florença, 1, 2, 3 et passim;
ocupação de, 1
- Guicciardini, Francesco, 1, 2, 3
- Hussein, Sadam, 1, 2
- Kepler, Johannes, 1
- Lourenço, o Magnífico, 1, 2, 3, 4, 5
- Maquiavel, obras de: *Discursos*, 1, 2;
História florentina, 1, 2, 3;
A mandrágora, 1;
Opríncipe, 1, 2, 3 et passim;
Informe sobre a nação alemã, 1
- Marco Aurélio, 1
- Maximiliano I, 1
- Médici, Cosme de, 1, 2, 3
- Médici, família, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
- Mirandola, Pico della, 1
- Morus, Thomas: *Utopia*, 1
- Nietzsche, Friedrich: *A vontade de poder*, 1
- Pazzi, conspiração, 1
- Pazzi, família, 1, 2, 3
- Platão: *República*, 1, 2
- prisão e tortura, 1

Russell, Bertrand, 1;

História da filosofia ocidental, 1

Santa Aliança, 1

Savonarola, 1, 2

Soderini, 1, 2, 3, 4, 5, 6

Strozzi, família, 1

Vespúcio, Américo, 1

Villari, 1

Vinci, Leonardo da, 1, 2-3

Vitelli, 1, 2

CIENTISTAS

em 90 minutos

.....
por Paul Strathern

- Arquimedes e a alavanca em 90 minutos
- Bohr e a teoria quântica em 90 minutos
- Crick, Watson e o DNA em 90 minutos
- Curie e a radioatividade em 90 minutos
- Darwin e a evolução em 90 minutos
- Einstein e a relatividade em 90 minutos
- Galileu e o sistema solar em 90 minutos
- Hawking e os buracos negros em 90 minutos
- Newton e a gravidade em 90 minutos
- Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos
- Pitágoras e seu teorema em 90 minutos
- Turing e o computador em 90 minutos

Título original:
Machiavelli in 90 minutes

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana
publicada em 1998 por Ivan R. Dee,
de Chicago, Estados Unidos

Copyright © 1998, Paul Strathern

Copyright da edição brasileira © 2000:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Ilustração: Lula

ISBN: 978-85-378-0574-9

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**
